



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO EM EQUIPE ENTRE FAMÍLIA, EDUCADORES E TERAPEUTAS NOS CUIDADOS AS CRIANÇAS COM AUTISMO: EMPATIA, COMUNICAÇÃO RESPEITOSA E ACOLHEDORA

THE IMPORTANCE OF TEAMWORK AMONG FAMILY, EDUCATORS, AND THERAPISTS IN CARING FOR CHILDREN WITH AUTISM: EMPATHY, RESPECTFUL AND SUPPORTIVE COMMUNICATION

Maria Geciane da Silva ¹

Aparecida de Souza dos Santos ²

RESUMO

Esta pesquisa analisa como o trabalho em equipe entre pais, educadores e terapeutas pode transformar os cuidados destinados às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Por meio de entrevistas qualitativas, foram analisadas as percepções e sentimentos de pais e profissionais sobre os desafios enfrentados nas relações de apoio, comunicação, capacitação e suporte recebidos. Os resultados evidenciaram impactos negativos, bem como uma sobrecarga emocional significativa entre cuidadores e profissionais quando a participação coletiva está ausente. Fundamentada nas teorias de Carl Rogers, a pesquisa destaca a importância da empatia, compreensão, escuta ativa e comunicação consciente para fortalecer vínculos, e nos princípios da Análise do Comportamento Aplicado (ABA), com foco na generalização de habilidades como base para promover autonomia e aprendizagens significativas e contínuas, enfatizando a importância da colaboração de uma equipe. Conclui-se que a construção de uma rede de apoio sólida, amparada em comunicação acolhedora, esforços compartilhados, compaixão e capacitação contínua, é essencial para potencializar o desenvolvimento das crianças com TEA e melhorar a qualidade de vida de todos os envolvidos.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Rede de Apoio, Análise do Comportamento Aplicada.

¹ Pós graduação, Especialização em Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural- Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, UFMS- mgeciane@outlook.com.

² Pedagoga, psicopedagoga, Mestre e Doutoranda em Educação, Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS/CPAQ aparecida.sousa@ufms.com.



ABSTRACT

This research analyzes how teamwork among parents, educators, and therapists can transform the care provided to children with Autism Spectrum Disorder (ASD). Through qualitative interviews, the perceptions and feelings of parents and professionals were examined regarding the challenges faced in support relationships, communication, training, and the support received. The results highlighted negative impacts, as well as significant emotional overload among caregivers and professionals when collective participation is absent. Grounded in Carl Rogers' theories, the research emphasizes the importance of empathy, understanding, active listening, and mindful communication to strengthen bonds, and in the principles of Applied Behavior Analysis (ABA), focusing on the generalization of skills as a foundation for promoting autonomy and meaningful, continuous learning, emphasizing the importance of team collaboration. It is concluded that building a solid support network, supported by compassionate communication, shared efforts, compassion, and continuous training, is essential to enhance the development of children with ASD and improve the quality of life for all involved.

Keywords: Autism Spectrum Disorder, Support Network, Applied Behavior Analysis.

1. INTRODUÇÃO

Para garantir um acompanhamento efetivo de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é essencial uma rede de apoio social, Segundo Brito e Koller (1999), rede de apoio social é um "conjunto de sistemas e de pessoas significativas, que compõem os elos de relacionamentos recebidos e percebidos do indivíduo". Esse conjunto de pessoas possibilita atender às necessidades da criança e fortalecer o suporte, promovendo um desenvolvimento mais completo e significativo. Uma vez que o diagnóstico de autismo gera mudanças consideráveis nessa família e cuidados especiais. Segundo Marques (2000) os pais de crianças com autismo lidam com preocupações muito específicas, e Smeha e Cesar (2011) afirma que os pais tomam ciência de que o filho poderá não corresponder às expectativas criadas em torno deles e sabem que, a partir daquele momento, a dinâmica de suas vidas será modificada. A comunicação entre esses diferentes atores que comportam uma rede de apoio dessa criança é fundamental para promover o seu bem-estar e o seu desenvolvimento, uma vez que elas enfrentam dificuldades tanto para se comunicar verbalmente quanto para interagir socialmente.

Conforme proposto por Vygotsky (1993), a fala é um instrumento de mediação essencial na construção do pensamento e na educação, dito isto, compreender a fala como um elemento de linguagem e expressão torna-se crucial para melhoria da comunicação também entre a rede de apoio da criança com TEA, considerando os desafios que enfrentam. Goleman cita a preocupação empática onde, além de nos preocuparmos com a pessoa, fazemos de tudo para ajudá-la (Goleman,



2014). Nesse cenário, a empatia e a comunicação desempenham papéis fundamentais para o fortalecimento de vínculos, o que pode ser eficiente nas relações entre família, educadores e terapeutas. Taylor et al. (2019) definem o cuidado compassivo como um conjunto de comportamentos que demonstram empatia e visam aliviar o sofrimento dos outros. Horst et al. (2000) afirmam que interações positivas entre família e profissional e o cuidado centrado na família têm mais chances de levar a famílias empoderadas. Isso cria um ambiente colaborativo, onde esforços são alinhados em prol do bem-estar da criança. Ser empático é ver o mundo com os olhos do outro e não ver o nosso mundo refletido nos olhos dele Carl Rogers (1977). Uma rede de apoio fortalecida, baseada em comunicação clara e acolhedora, promove solidariedade e torna o suporte mais eficiente e humanizado. Rogers acreditava que a comunicação genuína e compreensiva cria um ambiente favorável para o crescimento e a resolução de problemas. Portanto, quando há empatia entre os envolvidos, as orientações terapêuticas e as práticas pedagógicas podem ser aplicadas de forma mais eficiente.

A utilização da aplicação de métodos da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), com o apoio de pais e professores devidamente instruídos e acompanhados por profissionais, promove um trabalho colaborativo essencial. O National Autism Center recomenda que as famílias sejam envolvidas nos planos de tratamento das crianças (National Autism Center, 2009, 2015). Após a fase inicial do tratamento, é fundamental que as habilidades adquiridas sejam estendidas a outros ambientes, ampliando os efeitos generalizados (Green, 1996). Isso significa que, o princípio da generalização visa aplicar os comportamentos aprendidos em diferentes contextos e situações. Integradas às práticas pedagógicas, terapêuticas e familiares, propociona maior suporte e continuidade no processo de aprendizagem.

Assim, a rede de apoio torna-se indispensável para o desenvolvimento integral da criança com TEA, para que essas habilidades sejam adquiridas. Por meio de entrevistas com pais e profissionais, busca-se identificar as principais queixas e barreiras enfrentadas na comunicação e propor soluções que podem ser aprimoradas através de estudos continuos para criar um ambiente mais colaborativo e favorável ao desenvolvimento integral das crianças com autismo, valorizando a complementaridade dos papéis da família, escola e terapeutas de forma otimizada e sem sobreposições.

2. AUTISMO - BREVE CONCEITO

O Psiquiatra Leo Kanner, em 1943 foi o primeiro em sua publicação que apresentou a definição
Dossiê II Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural. Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP, Edição Especial. Aquidauana, v. 1, n. 17, fev. 2025



do autismo em seu artigo intitulado *Autistic Disturbances of Affective Contact*, publicado na revista *Nervous Children* (volume 2, páginas 217-250), destacando como característica central o "isolamento autístico", que ele observou estar presente desde os primeiros anos de vida, em sua pesquisa descreveu detalhadamente os casos de onze crianças que compartilhavam comportamentos como um isolamento extremo desde a infância e um forte apego à manutenção de rotinas, denominando-as "autistas".

(...) estas crianças vieram ao mundo com uma incapacidade inata de estabelecer o contato afetivo habitual com pessoas, biologicamente previsto (...). Se esta hipótese está correta, um estudo posterior (...) talvez permita fornecer critérios concretos relativos às noções ainda difusas dos componentes constitucionais de reatividade emocional (...) aqui temos exemplos puros de distúrbios autísticos inatos de contato afetivo. (Kanner, 1943/1997, p. 170)

Em 1944, um ano depois, o psiquiatra austríaco Hans Asperger descreveu crianças que enfrentavam dificuldades para se integrar socialmente, mas com características distintas das observadas por Leo Kanner. Asperger apresentou sua tese de livre-docência na Faculdade de Medicina, baseada em casos atendidos na Clínica Infantil da Universidade de Viena. Ele identificou uma condição que chamou de Psicopatia Autística Infantil. Inserido no Departamento de Educação Especial da clínica pediátrica, o trabalho de Asperger era influenciado pela Pedagogia Curativa de Rudolf Steiner e explorava a conexão entre psicologia e educação. Em contrapartida, os estudos de Kanner centravam-se no diagnóstico do autismo sob uma perspectiva psiquiátrica. Em 1952, a Associação Americana de Psiquiatria publica a primeira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM-1).

Nessa primeira edição, os variados sintomas do autismo eram considerados parte de um subgrupo da esquizofrenia infantil, sem serem reconhecidos como uma condição independente e distinta. Compreender o autismo como um espectro foi uma ideia mais adiante em 2013, com a publicação da quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) que deu conceito ao transtorno do espectro autista de forma oficial. O autismo é uma disfunção do neurodesenvolvimento caracterizado por alterações das habilidades de interação social, dificuldades de comunicação e o engajamento em comportamentos repetitivos e estereotipados (American Psychiatric Association, 2000).

Mais recentemente, A CID-11, que é a classificação internacional usada para diagnosticar doenças, foi atualizada em 2022 e trouxe mudanças importantes na forma de entender o TEA, agora reúne condições que antes eram classificadas separadamente, como o autismo e a Síndrome de Asperger. Essa atualização segue ideias parecidas com as do DSM-5, que é um manual usado principalmente nos Estados Unidos, mas existem algumas diferenças entre eles. Além disso, o termo



antigo "Transtorno Global do Desenvolvimento" não é mais usado e foi substituído por "Transtorno do Espectro Autista". O Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) nos Estados Unidos relatou que aproximadamente 1 em 36 crianças foi diagnosticada com TEA em 2023, conforme dados do ADDM (CDC, 2023). A diversidade nos quadros clínicos de indivíduos com autismo englobados no CID-11, não anula no que se refere aos diferentes níveis de necessidade de suporte, o que demanda um trabalho colaborativo e atento por parte de todos os envolvidos nos cuidados da criança de forma individual. Compreender essa diversidade é fundamental para planejar intervenções que sejam realmente eficazes, levando em conta não apenas os aspectos clínicos, mas também os contextos sociais e ambientais que impactam diretamente na evolução e bem-estar da criança.

3. A IMPORTÂNCIA DA REDE DE APOIO: FAMÍLIA, ESCOLA E TERAPEUTAS

O trabalho colaborativo entre pais, educadores e terapeutas é fundamental para construir uma base de suporte que acolha as necessidades da criança com autismo e de sua família. Quando essas relações são estabelecidas com empatia e compreensão, criam-se oportunidades para que cada envolvido compartilhe suas experiências, contribuindo para soluções que respeitam as particularidades de cada criança. A qualidade das interações em diferentes contextos sociais tem sido objeto de estudos de muitos pesquisadores que comprovam o impacto positivo ou negativo das mesmas sobre a saúde física e emocional das pessoas (Brito e Koller, 1999; Cyrulnik, 2004; Yunes, Garcia e Albuquerque, 2007). Um apoio social, não apenas favorece o desenvolvimento da criança, promovendo sua inclusão e avanços e autonomia, mas também alivia as pressões sobre as pessoas que compõem essa rede. Por direito, o bem-estar da criança autista está garantido pelas normativas atuais, e precisa da colaboração de todos, na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015):

Art. 8º É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, sociaeconômico (Brasil, 2015).

A inclusão, socialização e aprendizagem da criança com autismo começa no ambiente



familiar. A família exerce o papel de educadora, ela lança a criança no meio social, é ela que se empodera das leis, diretrizes, cartilhas para ajudar o filho, ou o parente a ter o direito de ser incluído em diversos ambientes sociais e educacionais, como a escola. (Matsumoto; Macêdo, 2012).

Portanto, criar uma rede inclusiva, de apoio humanizada, onde a escuta à família, o respeito e o cuidado sejam valores centrais, é essencial para garantir um desenvolvimento mais equilibrado e acolhedor, tanto para a criança quanto para todos que a acompanham, considerando que essa família é o intermédio das relações sociais dessa criança.

Sobre os benefícios do diálogo entre pais e escola pensando no melhor desempenho da criança, Parolim escreve que:

[...] tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo. (Parolim, 2003, p. 99 *apud* Marcolan et al., 2013, p. 5).

Portanto, essa preparação da rede de apoio é um pilar crucial para viabilizar o trabalho colaborativo entre todos os envolvidos no cuidado da criança com autismo. Tal relação equilibrada contribui para um ambiente mais acolhedor e eficiente, onde as necessidades da criança com TEA podem ser atendidas de maneira integral e inclusiva.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...].(Piaget 2007, p.50 *apud* Souza, 2009, p.6).

Essa perspectiva evidencia a relevância de uma relação próxima e contínua para potencializar o desenvolvimento da criança. Além da importância da escola e família na vida da criança com autismo, a intervenção clínica também é incontestavelmente necessária, e se complementam. Essas terapias incluem Terapia Ocupacional, fonoaudiologia, psicologia, psicomotricidade, equoterapia, musicoterapia, hipoterapia, além de esportes, arte e diversas abordagens de intervenção para o autismo. Estudiosos (Hemmeter et al., 2001; McWilliam et al., 2003) ressaltam a importância de um conjunto de práticas que devem ser consideradas como "estruturas essenciais" para o processo de suporte a crianças com TEA. Pesquisas têm destacado a relevância de esclarecer as diversas abordagens de intervenção direcionadas ao TEA, com o objetivo de oferecer às famílias e profissionais uma base mais sólida para a seleção de programas de intervenção ((Center, 2011;



Howlin; Magiati; Charman, 2009; Hume et al., 2011; Warren et al., 2011). Propostas de intervenção terapêuticas deverão ser iniciadas o mais cedo possível, de forma intensiva e envolver as famílias de forma activa (Pereira, 1999). Entender essa condição cedo, ajudará no desempenho de habilidades sociais (FJA4).

Essa perspectiva reflete a importância de assegurar que as crianças com autismo encontrem, tanto na família quanto na escola e terapia os alicerces necessários para promover seu desenvolvimento pleno e sua inclusão na sociedade, com o objetivo de preparar a criança para enfrentar os desafios do mundo.

4. COMUNICAÇÃO EMPÁTICA VOLTADA A EQUIPE DE APOIO Á CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Carl Rogers, psicólogo americano, um dos principais teóricos da psicologia humanista, oferece uma abordagem que prioriza a empatia, congruência, aceitação incondicional e a autenticidade como pilares para uma relação eficaz e significativa, incorporada até hoje nas abordagens entre psicólogo e paciente, a compreensão empática é caracterizada pela atitude de experimentar o que o outro está sentindo por meio de uma condição de “como se” estivesse no lugar dele, enxergando através da perspectiva do mesmo (Rogers, 1973). Carl Rogers também ressalta a importância de não apenas ouvir e entender as palavras das pessoas, mas o sentido. E que, isso cria um poderoso clima para mudança em que as pessoas se sintam verdadeiramente compreendidas.

Essas teorias de Carl Rogers centrada nas pessoas, oferece um caminho de compreensão que rompe as defesas empregadas nas pessoas que se tornam reativas. Carl Rogers oferece uma perspectiva valiosa na abordagem entre pessoas, através de uma postura positiva, a comunicação se torna mais leve e pode ser devidamente aplicada entre as relação de uma rede de apoio á crianças com autismo. Em seu artigo, as condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica na personalidade (1957/2008), propõe seis condições que entre essas, três são frequentemente consideradas atitudes essenciais que o terapeuta deve adotar em relação ao cliente para promover uma mudança positiva na personalidade: Autenticidade (ou Congruência), Aceitação e Compreensão Empática. Fundamentalmente essas três condições no contexto do cuidado de crianças com autismo, são essenciais, para estabelecer uma relação de confiança, sendo necessário que os educadores, terapeutas e família passem a adquirir essa compreensão às intenções e sentimentos e aos acontecimentos do ambiente em que essa criança está inserida.

Uma condição essencial na abordagem humanista proposta por Rogers (1961/1987) é a Aceitação Positiva Incondicional, considerada uma das facilitadoras fundamentais no processo



terapêutico. Essa atitude está relacionada à confiança básica, definida por Rogers como "uma crença de que a outra pessoa é, de alguma maneira fundamental, digna de confiança" (Rogers, 1974/1977a, p. 149). Isso envolve compreender, acolher e aceitar o outro sem julgamentos. Além disso, segundo Rogers, a comunicação deve ser um processo colaborativo, onde as opiniões e preocupações de todos os envolvidos sejam ouvidas e respeitadas. A colaboração deve se basear na Compreensão Empática, na qual o terapeuta busca entender profundamente a perspectiva do cliente (Sampaio, Camino & Rozzio, 2009). Ao aplicar essa abordagem no apoio à criança com autismo, torna-se possível estabelecer um diálogo respeitoso e aberto, em que cada parte contribui para o bem-estar dessa criança. Trabalhando em conjunto, é possível atender às suas necessidades de maneira coerente com empatia e compreensão. Rogers defende o potencial de cada indivíduo para o crescimento e a autorrealização. No contexto voltado a rede de apoio a criança com TEA, é fundamental que todos os envolvidos reconheçam e estimulem esse potencial da criança, oferecendo suporte para o desenvolvimento de suas habilidades auxiliando-as a encontrar seu espaço no mundo, de forma alinhada cada parte contribuindo com a mesma percepção e em harmonia o que é fundamental.

Os princípios rogerianos servem como alicerce para a construção de um ambiente que proporcione uma melhor escuta não apenas entre psicólogo e cliente, mas no qual a criança está inserida, de maneira que se sinta valorizada, compreendida e respeitada em meio a um apoio cooperativo. Esse ambiente promove uma integração social mais significativa:

constato [...] que ouvir traz conseqüências. Quando efetivamente ouço uma pessoa e o significado que lhe são importantes naquele momento, ouvindo não suas palavras, mas ela mesma, e quando lhe demonstro que ouvi seus significados pessoais e íntimos, muitas coisas acontecem. (Rogers, 1983,p.6).

Isso reflete a importância da escuta ativa entre pais, educadores ou terapeutas como fundamental para o alinhamento nas estratégias de apoio. Rogers (1961/1997), sugere que a falta de comunicação consigo mesmo e com os outros prejudica o desenvolvimento emocional, como ele descreve:

[...]A pessoa emocionalmente desadaptada, o 'neurótico', tem dificuldades, em primeiro lugar, porque rompeu a comunicação consigo próprio e, em segundo, porque, como resultado dessa ruptura, a comunicação com os outros se viu prejudicada. (Rogers 1961/1997, p.382).

Segundo Rogers (1961/1987), a empatia envolve a capacidade de compreender e sentir a dor ou o prazer de outra pessoa da forma como ela os vivencia. É importante destacar que a compreensão empática envolve se conectar com as experiências e percepções do outro, sem projetar nossas próprias vivências, um aspecto já ressaltado por Rogers ao enfatizar a importância da não-identificação.



Aprecia e avalia, tanto a sua vivência, como a vivência dos outros por aquilo que elas são. (Rogers, 1961b). As abordagens de Carl Rogers, pode ser aplicadas ao trabalho em equipe no cuidado de crianças com autismo e através dessa percepção ser possível criar um ambiente mais harmonioso e eficaz, favorecendo o bem-estar e o progresso da criança.

5. A GENERALIZAÇÃO - UM DOS PRINCÍPIOS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA), sigla em inglês para *Applied Behavior Analysis* é uma metodologia científica voltada para a compreensão e modificação de comportamentos humanos. Seu desenvolvimento teve origem nos Estados Unidos, fundamentado no trabalho de B.F. Skinner, um dos pioneiros da ciência comportamental, que publicou o influente livro *The Behavior of Organisms* em 1938, detalhando o conceito de condicionamento operante. Esse conceito estabelece os princípios fundamentais da ABA, como: reforço, punição, extinção, modelagem, encadeamento, generalização, discriminação e controle de estímulos, que são amplamente utilizados para ensinar habilidades, modificar comportamentos e promover a autonomia.

Em 1968, Donald Baer, Montrose Wolf e Todd Risley publicaram o artigo *Seminal Some Current Dimensions of Applied Behavior Analysis*, formalizando a ABA como um campo científico distinto e estabelecendo suas sete dimensões fundamentais: aplicada, comportamental, analítica, tecnológica, conceitualmente sistemática, efetiva e generalizável. O avanço da ABA no tratamento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi impulsionado em 1987, quando o psicólogo norueguês Ole Ivar Lovaas publicou o estudo *Behavioral Treatment and Normal Educational and Intellectual Functioning in Young Autistic Children*. Essa pesquisa destacou o impacto positivo das intervenções comportamentais no desenvolvimento de crianças com autismo, consolidando a ABA como uma abordagem essencial na promoção de comportamentos de relevância social e na inclusão educacional.

A Generalização, é um dos princípios centrais da ciência ABA, segundo Lovaas (1996) generalizar é a capacidade de transferir comportamentos ensinados em uma situação para outra situação ou ambiente. Esse processo é essencial para garantir que as crianças com autismo consigam utilizar os conhecimentos adquiridos em sua vida cotidiana de maneira funcional e ampla. De acordo com Lerman e Vorndran (2002) e Smith e Lovaas (2013), o foco está em ensinar novas habilidades, reduzir comportamentos desafiadores e promover uma melhora geral na qualidade de vida. No caso das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a generalização não ocorre naturalmente, para que ela seja efetiva, é indispensável um trabalho intencional e colaborativo entre os diferentes



atores envolvidos como: família, escola e terapeutas. Pesquisas têm demonstrado que crianças com Autismo podem aprender diversas habilidades, havendo uma cuidadosa programação de interações com o ambiente (Schreibman, 1988; Lovaas & Smith, 1989; Schreibman, Charlop & Milstein, 1993; Harris & Handleman, 1994; Koegel & Koegel, 1995; Green, 1996b). Quando a generalização é trabalhada com base em uma abordagem colaborativa, os resultados se tornam mais eficazes e duradouros. Depois dessa fase inicial, o tratamento pode e deve ser estendido a outros ambientes para que seja produzido um número maior de efeitos generalizados (Green, 1996b). À medida que a terapia comportamental evoluiu, já com base em princípios e procedimentos comprovados, as pesquisas se tornaram gradativamente mais abrangentes com intervenções em escolas, em instituições terapêuticas e residências (Howlin & Rutter, 1987).

Com esse trabalho, a criança desenvolve maior autonomia e funcionalidade em diferentes aspectos da vida, enquanto a família e os educadores se sentem mais capacitados para apoiar o seu desenvolvimento, reduzindo estresse e frustrações. Além disso, a interação entre os diferentes ambientes favorece a inclusão e o bem-estar da criança, promovendo segurança e previsibilidade. A generalização se efetiva quando há continuidade das habilidades aprendidas na presença de outras pessoas, em outros ambientes para efeito contínuo. Baer, Wolf e Risley (1968) recomendaram que não se deve passivamente aguardar a ocorrência da generalização. Esse trabalho colaborativo é essencial para que os ganhos obtidos no processo terapêutico sejam incorporados à vida da criança de maneira significativa e duradoura. A criança é incentivada a generalizar as habilidades aprendidas para diferentes ambientes e situações, ajudando a garantir que essas habilidades sejam úteis em sua vida diária (McEachin et al., 1993). Silva (2021) enfatiza a necessidade de capacitar os profissionais para lidar com as realidades do ambiente educacional, destacando que a ABA pode ser uma ferramenta eficaz. Nesse mesmo pensamento, Silva, Passeto e Barcelos (2022, p. 8) destacam o papel fundamental do professor como um dos agentes que viabilizam a inclusão por meio da aplicação da ABA. Cutler apresenta critérios para a flexibilização das escolas e as operacionalizações da inclusão das crianças com autismo, para a autora é necessário desenvolver um programa de educação paralelo a inclusão, propondo o modelo ABA (Cutler, 2005). Para Lovaas (1996), é improvável a ocorrência de generalização de um comportamento estimulado somente em um ambiente.

6. METODOLOGIA

A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, adequada para explorar questões relacionadas às percepções, experiências e emoções presentes no contexto do estudo. Essa escolha fundamenta-se



na complexidade e singularidade das relações entre as técnicas qualitativas focalizando as experiências das pessoas e seus relativos significados, em semelhança a eventos, processos e estruturas, implantados em cenários sociais (Skinner; Tagg; Holloway, 2000). "Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (Godoy, 1995, p. 58)". Assim, o objetivo principal da pesquisa qualitativa não está na obtenção de opiniões representativas ou mensuráveis de forma objetiva, mas sim no aprofundamento da compreensão de um fenômeno social. De acordo com Denzin e Lincoln (2006), a origem da pesquisa qualitativa está na sociologia, no estudo de vida de grupos humanos e na antropologia, com o início dos métodos de trabalho de campo. No entanto, através desse método essa pesquisa procura compreender as lacunas nas interações entre pais, educadores e terapeutas, destacando barreiras e oportunidades de fortalecimento do trabalho em conjunto no cuidado das crianças com TEA.

6.1 Procedimentos de coleta de dados

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas online, utilizando formulários criados no Google Forms. As entrevistas continham questões abertas, permitindo que os participantes compartilhassem suas experiências, dificuldades e sugestões para melhorar o alinhamento entre as partes. O fluxograma a seguir ilustra o procedimento adotado para a coleta e análise de dados, detalhando de maneira sequencial o processo utilizado:

Figura 1 – Fluxograma do procedimento de coleta de dados



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

Os dados obtidos foram organizados em planilhas, nas quais foram identificadas categorias emergentes a partir das respostas dos participantes. A análise foi feita com base nas principais temáticas que revelam tanto as dificuldades quanto as possíveis soluções no trabalho em equipe. A metodologia qualitativa permitiu explorar de forma profunda as histórias e sentimentos dos participantes, possibilitando a identificação de padrões e temas recorrentes através da análise temática.

6.2 Participantes

O estudo contou com a participação de 49 respondentes, divididos em dois grupos de 22 participantes e outro de 27 participantes:

Grupo 1: 27 pais ou responsáveis por crianças com autismo, cujas idades dos entrevistados variavam entre 26 e 67 anos, com filhos diagnosticados com TEA em diferentes níveis de suporte, conforme critérios do DSM-V (APA, 2013).

Grupo 2: 22 profissionais da área educacional e terapêutica, com idade entre 29 e 54 anos, incluindo pedagogos, terapeutas ocupacionais, psicólogos, professores e fonoaudiólogos, todos com experiência no atendimento a crianças com TEA.

Os participantes foram recrutados por meio de redes de apoio voltadas para o autismo como grupo de pais, profissionais que atendem essas crianças em clínicas e escolas em que elas estudam,



participaram de forma voluntária e anônima. As entrevistas foram estruturadas para promover um diálogo acolhedor e respeitoso, garantindo a proteção da privacidade dos respondentes e a diversidade de perspectivas.

6.3 Instrumentos de Coleta

Foram elaborados dois questionários através do Google Forms: um direcionado aos pais e cuidadores das crianças com autismo e outro aos profissionais da saúde e educação que atuam com essas crianças. As perguntas abertas permitiram explorar as diferentes percepções dos participantes sobre as dificuldades e oportunidades de colaboração e comunicação das equipes que formam uma rede de apoio.

Quadro 1: Aspectos investigados no formulário de perguntas aos pais:

Aspectos Investigados	Descrição
Reações iniciais ao diagnóstico de TEA	Explora os sentimentos e respostas dos pais ao lidar com o diagnóstico.
Orientações recebidas para lidar com o autismo	Investiga as informações ou suporte recebidos.
Dificuldades na comunicação entre pais, educadores e terapeutas	Identifica os principais obstáculos na comunicação e interação.
Sugestões para melhorar o trabalho em equipe	Coletar ideias para fortalecer a colaboração entre os envolvidos.
Impacto da comunicação na promoção do desenvolvimento e bem-estar	Avalia como a comunicação afeta o progresso da criança e o equilíbrio emocional dos envolvidos.
Experiências adicionais compartilhadas pelos participantes	Registra vivências e percepções adicionais dos participantes.

Fonte: Elaborada pela autora (2024).

Quadro 2: Aspectos investigados no formulário de perguntas aos profissionais da saúde e educação:

Aspectos investigados	Descrição
-----------------------	-----------

Dossiê II Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural. Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP, Edição Especial. Aquidauana, v. 1, n. 17, fev. 2025



Suporte e orientação recebidos	Investiga como os profissionais avaliam o suporte recebido para trabalhar com crianças autistas.
Dificuldades na comunicação com pais e outros profissionais	Identifica os principais desafios na troca de informações sobre o desenvolvimento e necessidades da criança.
Sugestões para melhorar o trabalho em equipe	Coleta ideias para aprimorar a colaboração entre educadores, terapeutas e pais.
Impacto da comunicação no desenvolvimento das crianças	Avalia como a qualidade da comunicação afeta o progresso das crianças e o trabalho dos profissionais.
Estratégias para facilitar a colaboração	Reúne sugestões de práticas para melhorar a interação entre os envolvidos.
Experiências adicionais compartilhadas pelos participantes	Registra relatos pessoais relevantes para a pesquisa.

Fonte: Elaborada pela autora (2024).

Após a coleta dos dados foram organizadas e categorizadas com base nos tópicos mais recorrentes mencionados pelos participantes. A análise foi conduzida utilizando a técnica de análise de conteúdo (Minayo, Deslandes e Gomes, 2001), que permite a verificação e a descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos. A triangulação dos dados foi realizada para comparar as percepções entre os diferentes grupos de participantes, destacando as convergências e divergências nos relatos. Esse processo assegurou uma visão ampla e integrativa sobre as barreiras de comunicação e suas possíveis soluções, alinhadas ao objetivo central da pesquisa.

7. ANÁLISE DE DADOS

7.1 Entrevistas com Pais de Crianças com Autismo

A análise dos resultados da pesquisa sobre a experiência de pais de crianças com autismo revela várias temáticas importantes que refletem tanto os desafios enfrentados quanto as necessidades percebidas por esses indivíduos. Abaixo, a tabela apresenta uma amostra das respostas dos participantes:

Quadro 3: Amostra dos pais respondentes

Amostra das Respostas dos Participantes
Reação ao Diagnóstico

Dossiê II Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural. Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP, Edição Especial. Aquidauana, v. 1, n. 17, fev. 2025



Participante 1: Após o recebimento do laudo do meu filho, percebemos o quanto o mundo precisa entender o que é o autismo."
Participante 2: "No começo fiquei surpreso e não fui receptivo por não conhecer o autismo, mas depois busquei entendimento."
Busca por Informação e Capacitação
Participante 3: "Falta formação para os professores. Um diálogo mais aberto e saber que há momentos para aplicar seu profissionalismo e momentos para se colocar no lugar."
Participante 4: " Professores falta de qualificação. Não entendem as especificidades do autismo, de cada criança, as leis que regem o transtorno e não sabem adaptar as atividades e avaliações."
Desafios na Comunicação
Participante 5: " Se há comunicação entre os familiares e a equipe conseguimos redirecionar o que está sendo feito ou não. A criança se sente mais segura e acolhida."
Participante 6: "Um diálogo mais aberto entre pais e profissionais é fundamental para o desenvolvimento."
Importância do Trabalho em Conjunto
Participante 7: "A falta de interação que vemos ser necessária para entender a realidade das nossas crianças é preocupante."
Participante 8: "Sinto que um trabalho em conjunto seria mais eficiente, mas me sinto de mãos atadas."
Necessidade de Respeito e Aceitação
Participante 9: "Que possamos um dia ver as pessoas aceitando nossos filhos como são e não como querem que sejam."
Participante 10: "Infelizmente, o autismo virou um comércio forte e lucrativo, falta aplicar humanidade e empatia."

Fonte: Elaborada pela autora (2024).

Essa amostra ilustra as experiências e percepções dos participantes em relação ao acompanhamento que recebem com a criança com autismo, destacando a importância da aceitação, da comunicação eficaz e da capacitação profissional. As respostas refletem um desejo por um sistema mais colaborativo e respeitoso, que atenda às necessidades das crianças com autismo e de suas famílias. Os resultados mostraram que, inicialmente, o diagnóstico provoca reações emocionais intensas, como medo, tristeza e preocupação, e que o impacto desse momento se estende as adaptações à nova realidade. A falta de uma rede de apoio adequada, frequentemente mencionada como insuficiente ou ausente, foi um ponto destacado por muitos, criando uma sensação de sobrecarga.

7.2 Entrevistas com Profissionais da Educação e Saúde



A pesquisa realizada com profissionais de diferentes áreas, como Terapeuta Ocupacional (TO), Psicólogo, Professor, Fonoaudiólogo, Coordenador Pedagógico, Monitor e Educador, também revelou uma série de desafios recorrentes. Abaixo está uma amostra das respostas dos participantes, organizada de forma a destacar algumas percepções e desafios mencionados:

Quadro 4: Amostra dos profissionais respondentes

Amostra das Respostas dos Participantes
Falta de Informação e Capacitação
Participante 1: "Sinto que não tenho suporte disponível por parte da gestão e principalmente dos pais."
Participante 2: "Um pouco despreparada, no meu município não tem capacitação."
Desafios na Comunicação com Pais
Participante 3: "Famílias que aceitam o diagnóstico, a terapia e o desenvolvimento são mais rápidos."
Participante 4: "A comunicação é essencial, caso não haja, dificilmente a escola consegue avançar com as crianças."
Importância do Trabalho em Equipe
Participante 5: "Acredito que encontros regulares, os pais estarem abertos a escutar o que a escola tem a dizer."
Participante 6: "Promover que os educadores trabalhem juntos de maneira colaborativa pode ajudar a superar barreiras e promover uma interação social mais eficaz."
Necessidade de Estratégias Personalizadas
Participante 8: "Cabe ao profissional encontrar estratégias de uma melhor prática que contextualize a realidade e ao ritmo de aprendizagem do aluno com autismo."
Participante 9: "Utilizar uma linguagem clara, direta e respeitosa, pois pessoas com autismo podem entender falas de forma literal."
Impacto da Gestão Escolar
Participante 10: "O apoio da gestão é fundamental."
Participante 11: "Sinto que não tenho suporte disponível por parte da gestão."
Experiência e Emoções dos Profissionais
Participante 12: "É bem complicado, frustrante e solitário esse 'suporte'."
Participante 13: "Temos muitas limitações principalmente com os pais, que muitas vezes limitam as crianças ao laudo."

Fonte: Elaborada pela autora (2024).

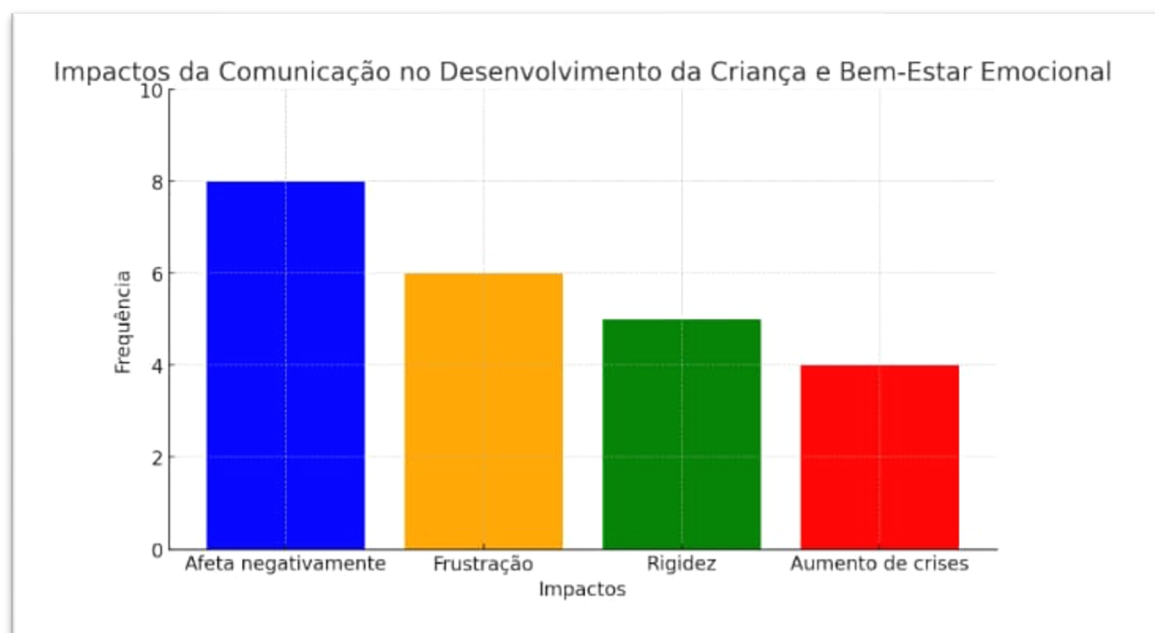
As respostas dos participantes refletem a diversidade de experiências e desafios enfrentados



pelos profissionais que trabalham com crianças com autismo. A necessidade de uma melhora na comunicação e de suporte são temas centrais que emergem das entrevistas.

O gráfico abaixo representa a frequência das respostas dos participantes, pais e profissionais a respeito da comunicação (ou a falta dela) e no que afeta ao desenvolvimento da criança. Em cada barra representa um impacto distinto mencionados, também fornece uma visualização clara das experiências e percepções destacando áreas críticas que precisam de atenção e melhorias:

Figura 2: Impacto da comunicação colaborativa no desenvolvimento da criança de acordo com os participantes.



Fonte: elaborada pela autora (2024).

Nesse gráfico vemos a frequência em que é mencionado a ideia de que a comunicação sem escuta pode impactar diretamente o desenvolvimento das crianças com autismo, gerando consequências significativas tanto no comportamento quanto no bem-estar emocional. É frequentemente mencionado a ausência de diálogos claros e dificuldades na compreensão das necessidades individuais da criança, levando-as a rigidez comportamental, birras, crises além de frustrações não só da criança mas de todos que fazem parte desse ciclo.

A comunicação é vista como um fator essencial para promover segurança, acolhimento e redirecionar estratégias para atender melhor às demandas da criança. Do ponto de vista de ambos, pais e profissionais, a falta de comunicação clara entre famílias e equipes escolares ou clínicas pode limitar as oportunidades de aprendizado e evolução da criança. Foi ressaltado também pelos profissionais que a aceitação do diagnóstico pelos pais são fundamentais para o progresso das crianças, enquanto



a resistência ou superproteção podem criar barreiras ao desenvolvimento da autonomia. E foi constantemente relatados pelo pais que a falta de clareza atrapalha nessa comunicação no tratamento das crianças e a falta de abertura para melhores diálogos.

7.3 Conclusão Integrada

A análise das entrevistas com pais e profissionais revelam falta de integração no trabalho em equipe. A troca de informações é vista como essencial por ambos para alinhar estratégias de intervenção, porém relatadas como insuficiente, ausente e desalinhadas como destacadas nas amostras. Os pais não se sentem compreendidos e estimulados a dar continuidade ao trabalho terapêutico, e apontam falta de capacitação e preparo dos profissionais tanto da área da saúde quanto da educação. Já os profissionais relatam que a aceitação do diagnóstico e participação ativa dos pais seriam fundamentais para o progresso das crianças, facilitando a implementação de intervenções adequadas e envolvimento no processo de estratégias que vem sendo ausentes.

No entanto, ambos enfrentam dificuldades na compreensão do outro, sejam os pais ou profissionais, é revelado nas entrevistas sequências de palavras que levam a uma desarmonia e falta de compatibilidade na comunicação, assim como ausência da compreensão recíproco.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÃO

Os resultados desta pesquisa destacam a importância de um trabalho colaborativo entre pais, educadores e terapeutas no cuidado de crianças com transtorno do espectro autista. As entrevistas evidenciaram desafios como falhas na comunicação, falta de clareza e interação, ausência de empatia e compreensão correspondente, além da sobrecarga emocional vivenciada pelos envolvidos. O TEA exige uma rede de apoio bem estruturada, como já mencionado neste estudo: “A National Autism Center recomenda que as famílias sejam envolvidas nos planos de tratamento das crianças (National Autism Center, 2009, 2015)”.

A análise das experiências de pais e profissionais revelou dificuldades e desalinhamento nas estratégias de intervenção. Além disso, a ausência de reuniões regulares e a insuficiência de capacitação especializada foram apontadas como obstáculos significativos. Também se observou que a participação ativa das famílias é essencial para o progresso das crianças, mas muitas vezes não ocorre de forma efetiva. Diante disso, a pesquisa reforça a necessidade de uma abordagem mais



coordenada e colaborativa, promovendo maior integração entre todos os envolvidos.

Para discutir essas lacunas, foram sugeridas conceitos das teorias de Carl Rogers, com foco na compreensão empática, autenticidade na comunicação e aceitação incondicional e nos princípios da Análise do Comportamento Aplicada, com ênfase na generalização de habilidades. Esses dois conceitos combinam práticas de escuta ativa e estratégias consistentes. Rogers ressalta a importância da empatia e da aceitação para estabelecer um ambiente de confiança, sendo facilitadores para uma colaboração eficaz, e a Generalização de habilidades, um dos pilares da ciência ABA sendo incorporada como uma necessidade crítica para que as crianças com autismo consigam transferir o aprendizado terapêutico e educacional para seus contextos familiares e outros ambientes sendo incostavelmente necessário a participação de todos nesse processo. A criança é incentivada a generalizar as habilidades aprendidas para diferentes ambientes e situações, ajudando a garantir que essas habilidades sejam úteis em sua vida diária (McEachin *et al.*, 1993). Na área educacional, com falta de preparo dos profissionais e o despreparo das escolas, frequentemente apontados pelos pais, destaca-se a urgência de maior capacitação sendo sugerido como ferramenta a aplicação do método ABA. A alfabetização de crianças autistas é um desafio, e a ABA surge como uma ferramenta poderosa para modificar comportamentos e promover o aprendizado, pois aborda as dificuldades individuais e ajusta as estratégias de ensino conforme as necessidades de cada criança (Júnior *et al.*, 2024). A ABA também pode ser “definida como uma tecnologia que é aplicada em situações de vida reais, onde comportamentos apropriados e inapropriados podem ser melhorados, aumentados ou diminuídos” (Rispoli 2013).

Conclui-se que um trabalho em equipe eficaz é fundamental para alinhar percepções e práticas entre pais, educadores e terapeutas, promovendo um suporte mais estruturado e acolhedor às crianças com TEA. Este estudo reforça que, por meio da empatia e de métodos organizados, é possível aprimorar a comunicação, fortalecer a inclusão social com compaixão e garantir um desenvolvimento mais consistente para a criança, beneficiando toda sua rede de apoio.

Em última análise, a colaboração se revela a chave para transformar desafios em oportunidades. Rogers (1974) já destacava que uma relação humana profunda é uma das necessidades mais cruciais da sociedade. Estudos recentes corroboram essa perspectiva, como o de Penney *et al.* (2023), que propõe a compaixão como a oitava dimensão da Análise do Comportamento Aplicada, enfatizando a necessidade de um olhar mais humanizado no suporte a indivíduos com TEA. Da mesma forma, Rohrer e Weiss (2023) ressaltam a importância de incluir o treinamento de habilidades de compaixão na formação de profissionais da Análise Comportamental, demonstrando que o desenvolvimento de competências como a empatia pode aumentar a eficácia das intervenções e



melhorar a interação com as famílias.

Assim como os estudos mencionados, esta pesquisa reforça a necessidade de uma comunicação mais acolhedora e colaborativa entre terapeutas, educadores e familiares. A inclusão ativa da família no processo terapêutico e educacional não apenas fortalece o desenvolvimento da criança, mas de seus cuidadores.

A continuidade de pesquisas nesse campo é essencial para aprimorar as práticas de intervenção e aprofundar a compreensão sobre o impacto de um suporte social bem estruturado. O reconhecimento da compaixão como parte fundamental da ABA pode representar um avanço significativo no desenvolvimento das crianças com TEA, garantindo que cada passo rumo à sua evolução seja guiado pelo acolhimento, pelo respeito e pelo compromisso compartilhado entre todos que fazem parte do seu suporte.

9. REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2014.

BRUCHEZ, Adriane et al. **Análise da utilização do estudo de caso qualitativo e triangulação na Brazilian Business Review**. Revista Espacios, Caracas, v. 37, n. 5, 2016. ISSN não informado.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; RISPOLI, Mandy. **Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos**. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 26, n. 47, p. 639-650, 2013.

COSTA, Luana Marcia Barros et al. **Autismo e suporte familiar: Relações afetivas estabelecidas entre crianças com autismo**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano, v. 5, p. 25-44, 2020.

GERALDES, Sónia Alexandra. **Necessidades dos pais de crianças com perturbações do espectro do autismo: estudo desenvolvido em três instituições especializadas da cidade do Porto**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. [sn].

GOLEMAN, Daniel. **Trabalhando com a inteligência emocional**. Objetiva, 1999.

GRIBOSKI, Cláudia Maffini et al. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.

JULIANO, Maria Cristina Carvalho; YUNES, Maria Ângela Mattar. **Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência**. Ambiente & Sociedade, São Paulo, v. 17, p. 135-154, 2014.

KANNER, Leo et al. **Os distúrbios autísticos do contato afetivo**. In: KANNER, Leo et al. *Autismos*. São Paulo: Escuta, 1997. p. 111-170.

Dossiê II Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural. Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP, Edição Especial. Aquidauana, v. 1, n. 17, fev. 2025



LEITE, Marcia Telma Lima et al. **Aquisição e generalização de mandos em uma criança com autismo.** 2005. Número de folhas não informado.

MACHADO, Mara Lúcia Salazar. **Educação e terapia da criança autista: uma abordagem pela via corporal.** 2001.

MARINHO, Eliane AR; MERKLE, Vânia Lucia B. **Um olhar sobre o autismo e sua especificação.** In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 9., 2009, Paraná. Anais... Paraná: [s.n.], p. 6084-6096, 2009.

DE MATOS, Daniel Carvalho. **Análise do comportamento aplicada ao desenvolvimento atípico com ênfase em autismo.** 2016. Número de folhas não informado.

DE MOURA ALVES, Diogo; DA SILVA, Ana Flávia Soares; SEIBERT, Thalita Nunes Ruy. **O impacto da tríade família-escola-terapia no desenvolvimento de crianças autistas: um estudo de caso em Linhares-ES.** Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v. 6, n. 1, 2024.

NAZARI, Ana Clara Gomes; NAZARI, Juliano; GOMES, Maria Aldair. **Transtorno do espectro autista: discutindo o seu conceito e métodos de abordagem para o trabalho [em linha].** Set. 2019. Disponível em: <link>. Acesso em: dia/mês/ano.

PENNEY, Ashley M. et al. **Compassion: the eighth dimension of applied behavior analysis.** Behavior Analysis in Practice, p. 1-15, 2023.

RAMSON, Carl. **A importância da obra de C. Rogers.** Ano não informado.

RIBEIRO, Karen Adriana; FRANÇA, Luiza Favero; DE LACERDA FARIA, Maria Elisa. **A importância da participação dos familiares de pessoas com TEA na intervenção ABA.** Revista Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 3, n. 8, p. 10754-10769, 2023.

RODRIGUES, A.; SOUZA, F.; COSTA, A. **Análise de dados visuais: desafios e oportunidades à investigação qualitativa.** Revista Pesquisa Qualitativa, São Paulo, v. 5, n. 8, p. 4-15, 2017.

ROGERS, Carl R. **Terapia centrada no cliente.** Lisboa: Edual-Editora da Universidade Autónoma de Lisboa, 2003.

ROHRER, Jessica L.; WEISS, Mary Jane. **Teaching compassion skills to students of behavior analysis: A preliminary investigation.** Behavior Analysis in Practice, v. 16, n. 3, p. 763-782, 2023.

ROMEU, Clariana Andrioli; ROSSIT, Rosana Ap Salvador. **Trabalho em equipe interprofissional no atendimento à criança com transtorno do espectro do autismo.** Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 28, p. e0114, 2022.

DA SILVA, Simone Simões. **A importância da comunicação no desenvolvimento socioemocional.** Brazilian Journal of Development, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 23255-23264, 2022.

DA SILVA REIS, Helena Isabel; DA SILVA PEREIRA, Ana Paula; DA SILVA ALMEIDA, Leandro. **Da avaliação à intervenção na perturbação do espectro do autismo.** Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 29, n. 55, p. 269-280, 2016.

Dossiê II Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural. Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP, Edição Especial. Aquidauana, v. 1, n. 17, fev. 2025



DE SOUSA, Luiza Corbucci Filó Dias. **A importância da ciência ABA: As contribuições da terapia ABA na alfabetização em TEA.** Periódicos LATTICE, São Paulo, v. 1, n. 2, 2024.

DE SOUZA, Loraine Campos; HOKAMA, Paula de Oliveira Montandon; HOKAMA, Newton. **A empatia como instrumento para a humanização na saúde: lições de um curso de especialização para a prática profissional.** Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco, v. 10, n. 21, p. 148-167, 2020.

WAINBERG, Jacques Alkalai. **Comunicação e escuta.** E-Compós, Brasília, v. não informado, 2018.

ZANATTA, Elisangela Argenta et al. **Cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil.** Revista Baiana de Enfermagem, Salvador, v. 28, n. 3, 2014.